



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

PESSOAS BIBLIOTECÁRIAS NEGRAS NAS PÁGINAS DA *EBONY* MAGAZINE: MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS, DESSEGREGAÇÃO RACIAL E ACESSO À BIBLIOTECA

BLACK LIBRARIANS ON EBONY MAGAZINE PAGES: CIVIL RIGHTS MOVEMENTS, RACIAL DESEGREGATION AND LIBRARY ACCESS

Franciéle Carneiro Garcês da Silva – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Dirnélé Carneiro Garcez – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Priscila Rufino Fevrier – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Raquel Mascarenhas dos Santos – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Edilson Targino de Melo Filho – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho investiga a representação de pessoas bibliotecárias negras na *Ebony Magazine*. O referencial teórico está construído abordando a imprensa negra, a revista *Ebony* e sua contribuição para a visibilidade negra. Contextualiza o período de segregação racial e a realidade de acesso à biblioteca pelas comunidades negras americanas, bem como o movimento pelos direitos civis e a luta pela desagregação em bibliotecas. Trata-se de um estudo exploratório e qualitativo, no qual foram analisados 313 números da revista durante o período de 1959 a 1985. Como resultados, identificou: a) a representação positiva da profissão bibliotecária com atuação de pessoas bibliotecárias negras na própria equipe da revista *Ebony* e da biblioteca da empresa proprietária; b) as influências e a representação da profissão estão presentes em reportagens sobre personalidades e de pessoas da comunidade negra em geral frequentadoras de bibliotecas c) a seção *Speaking of people* registrou a presença de pessoas bibliotecárias negras via resumos biográficos; d) dentre os enfoques de reportagens completas, a revista publicou duas, uma na seção *Professions* e outra na *Personalities*. As mesmas se referiam a duas pessoas bibliotecárias negras que foram as primeiras a ocuparem o cargo de presidentes da *American Library Association*, Clara Stanton Jones e E. J. Josey. Nas suas entrevistas, explicitam consciência sobre a importância da biblioteca e da profissão bibliotecária para a transformação das realidades informacionais, sociais, educacionais e políticas das populações negras e grupos minoritários. Concluímos que o papel da *Ebony Magazine* para a documentação, divulgação e representação da profissão bibliotecária e bibliotecas contribui para o fortalecimento da Biblioteconomia Negra e História Negra.

Palavras-chave: Biblioteconomia Negra – Estados Unidos; imprensa negra; segregação racial; direitos civis; biblioteca.

Abstract: This work investigates the representation of black librarians in Ebony Magazine. The theoretical framework is built by addressing the black press, Ebony magazine and its contribution to black visibility. It contextualizes the period of racial segregation and the reality of access to the library by black American communities, as well as the civil rights movement and the struggle for disaggregation in libraries. This is an exploratory and qualitative study, in which 313 issues of the journal were analyzed during the period 1959 to 1985. As a result, we identified: a) the positive representation of the library profession with the performance of black librarians in the staff of the Ebony magazine and the company's proprietary library; b) the influences and representation of the profession are present in reports about personalities and people from the black community in general who attend libraries c) the Speaking of people section registered the presence of black librarians via biographical summaries; d) among the full reporting approaches, the magazine published two, one in the Professions section and the other in Personalities. They referred to two black librarians who were the first presidents of the American Library Association, Clara Stanton Jones and E.J. Josey. In their interviews, they show awareness of the importance of the library and the library profession for the transformation of the informational, social, educational and political realities of black populations and minority groups. We conclude that Ebony Magazine's role in documenting, disseminating and representing the library profession and libraries contributes to the strengthening of Black Librarianship and Black History.

Keywords: Black Librarianship – United States; black press; racial segregation; civil rights; library.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros debates que deram configuração à imprensa negra advém do período escravista no qual houve diálogos sobre relações étnico-raciais, uniões inter-raciais, direitos civis e acesso à educação, bem como sobre as vertentes do nacionalismo negro e debate abolicionista (XAVIER, 2012). Giovana Xavier atribui a esse período a existência de uma imprensa de “raízes antiescravistas”, a qual interligava “direitos políticos, linguagem racial, cultura impressa e discurso público” (XAVIER, 2012, p. 22).

A imprensa negra estadunidense foi inaugurada em 16 de março 1827 com a publicação do *Freedom's Journal*, o qual foi o primeiro jornal do período pós-abolição editorado, gerido e de propriedade de pessoas negras ex-cativas moradoras do estado de Nova York. Sua criação serviu para rebater a imprensa tradicional branca, a qual utilizava de comentários racistas para se referir à população afro-americana e pautar a supremacia racial branca na época (FREEDOM'S JOURNAL, 2021; JENKINS, 2021; SAAD, 2020; VENTURA; KARNICK, 2021).

Dessa forma, atendendo à demanda daquele contexto, além das notícias que apresentavam editoriais, anedotas e eventos, neste jornal eram impressos discursos

contrários à colonização, à escravidão e em defesa dos direitos civis e políticos da população negra, em especial o direito ao voto e de manifestação contra o linchamento negro (FREEDOM'S JOURNAL, 2021; XAVIER, 2012).

Após a libertação dos escravizados, houve a passagem pelos marcos históricos que demarcaram a história da população norte-americana e negra, dentre eles a tentativa falha de Reconstrução Radical (BRITANNICA, 2020b), o fim da Segunda Guerra Mundial, a perda de direitos e retrocessos na luta pela integração racial complementada pelo medo causado pelo avanço da violência racial difundida pelas Leis Jim Crow e fortalecimento de organizações racistas como Ku Klux Klan e *Knights of the White Camellia* (BRITANNICA, 2021c; JENKINS, 2021; LONG, [1952] 2020; UROFSKY, 2021; XAVIER, 2012). Diante deste cenário, jornais e revistas negros começaram a explicitar discursos reivindicatórios na luta pelos direitos civis, cidadania, afirmação da identidade negra e valorização da cultura negra, assim como denunciavam o racismo, a segregação racial e a estruturação da supremacia racial dentro da sociedade norte-americana.

No entanto, para além do enfoque em questões relevantes para a população negra norte-americana, como o Movimento pelos Direitos Civis e fortalecimento da “ideologia do protesto negro”, a imprensa negra realizou uma contra-narrativa à imprensa hegemônica por intermédio da divulgação de realizações e personalidades negras em diversas esferas da sociedade (VENTURA; KARNICK, 2021; XAVIER, 2012).

Dentre as revistas e jornais negros históricos ativos antes, durante e após o período segregacionista, elencamos para esta investigação a *Ebony Magazine*, revista criada em 1945 por John H. Johnson. As questões que embasam a referida pesquisa são: Sendo a *Ebony* uma das revistas mais influentes na comunidade negra, como estão representados os bibliotecários e bibliotecárias negras nas notícias divulgadas pela revista? Quais os enfoques sobre esses profissionais e a biblioteca dentro de seu escopo? Nesse sentido, este trabalho investiga a representação de bibliotecárias e bibliotecários negros na *Ebony Magazine* durante o período de 1959 a 1985. Nosso interesse está em descobrir se há visibilização de bibliotecárias e bibliotecários negros nesta revista de alto alcance dentro da história da imprensa negra americana e, se há visibilização, quais são os enfoques trazidos pela mesma sobre esses profissionais.

No âmbito deste estudo, a *Ebony Magazine* é caracterizada como uma fonte de informação étnico-racial sobre a história, cultura e memória da História Negra e da Biblioteconomia Negra Americana, haja vista que nos permite analisar a atuação profissional

de pessoas negras bibliotecárias e suas contribuições para o acesso às bibliotecas e à informação durante e após o período segregacionista.

Metodologicamente, este estudo está construído a partir da busca pelos termos “librar*”, “librarian” e “library” no sumário (*content*) e corpo da revista no período de 1959 a 1985, totalizando 313 números analisados. Tal período escolhido para análise foi demarcado por períodos históricos que solidificaram a luta pelos direitos civis de pessoas negras no contexto norte-americano. Os aspectos políticos e históricos como Pós-Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e outros conflitos políticos demarcaram o período analisado. Ainda, a segregação racial presente entre as décadas de 1960 e 1970 - política oriunda dos resquícios da escravidão ocorrida no século XIX nos EUA - foi um demarcador de processos de desigualdades sociais e raciais na sociedade afro-americana. Por fim, esse período foi de insurgência no combate ao racismo pelos movimentos civis negros e seus representantes como Malcolm X, Martin Luther King, Rosa Parks, dentre outros ativistas.

Trata-se, portanto, de um estudo de natureza exploratória e qualitativa. A respeito da coleta de dados, os números da *Ebony Magazine* foram recuperados no *Google Livros*¹. Após a recuperação das reportagens sobre bibliotecários e bibliotecárias negras pelos termos de busca elencados, as mesmas foram transcritas e traduzidas em documento de *word* para análise de seu conteúdo e apresentação dos seus resultados.

2 EBONY MAGAZINE E A VISIBILIDADE DA SOCIEDADE NEGRA NORTE-AMERICANA

Criada em 1945 por John H. Johnson, um jornalista e editor afro-americano, a *Ebony Magazine* é uma revista mensal voltada para o público negro dos Estados Unidos. Na história norte-americana, foi a primeira revista negra a ganhar circulação nacional. Com equipe de pessoas negras, a *Ebony* foi inicialmente concebida para o enfoque em notícias, fotos e interesses de leitores afro-americanos. Buscava ainda a ruptura com estereótipos sobre a comunidade negra, os quais eram periodicamente reforçados e ligados à marginalidade, sexualidade e folclorização. Com seu sucesso passou a evidenciar artistas e esportistas afro-americanos, bem como incluiu realizações de sujeitos de todas as esferas da classe média negra, dentre elas, pessoas bibliotecárias (ANDERSON, 2021; BRITANNICA, 2020a).

¹ Os números por décadas estão disponíveis em:

[https://books.google.com.br/books?id=PtMDAAAAMBAJ&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=PtMDAAAAMBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_aiy=1950#all_issues_anchor)

[BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_aiy=1950#all_issues_anchor](https://books.google.com.br/books?id=PtMDAAAAMBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_aiy=1950#all_issues_anchor). Acesso em: 19 jan. 2021.

A ideia de uma revista específica para leitores negros veio após a experiência de Johnson com *marketing* voltado para o público negro. Em 1942, iniciou o que foi um protótipo para a *Ebony*, o *Negro Digest*. Logo na primeira edição, a revista vendeu aproximadamente três mil cópias e, após um ano, a tiragem era de 50 mil cópias mensais. Sobre o contexto dessa época, Johnson (1975, p. 30, tradução nossa) abordou que havia baixa abordagem em revistas sobre pessoas negras humanizadas, com necessidades humanas e que enfocassem todos os espectros da vida negra: “Era raro [...] que rádios, jornais ou revistas notassem que os negros se apaixonavam, se casavam e participavam de atividades comunitárias organizadas”.

Voltada para temas mais gerais, a *Ebony* atendeu interesses por temas diversos da vida cotidiana de pessoas negras, os quais foram estruturados em seções como política, educação, direito, entretenimento, exterior, arte popular, negócios, vida moderna, esportes e moda (BRITANNICA, 2021b; CLANCY, 2019). A filosofia editorial inicial da *Ebony* foi realizada de forma diferente daquela adotada pela imprensa negra da época. Enquanto os jornais negros como o *Pittsburg Courier*, *Chicago Defender* e outros noticiavam linchamentos, segregação, assuntos jurídicos, eventos sociais da classe média e notícias esportivas, a *Ebony* seguiu uma cobertura dedicada a oferecer uma visão otimista sobre o que é ser uma pessoa negra americana, suas realizações e seu cotidiano de classe média negra. Esse otimismo adotado pós-Segunda Guerra Mundial apresentou imagens positivas de identidade negra em contrapartida àquelas negativas presentes no cotidiano afro-americano. Todos esses assuntos geraram interesses diversos da comunidade negra e resultou no sucesso da revista nas próximas décadas (BURROUGHS, 2009).

Como marco histórico, a *Ebony* alcançou na primeira edição de 1945 a venda de 25.000 exemplares e em seu sexagésimo aniversário (2005), a publicação atingiu dez milhões de leitores. No início do século XXI, atingiu aproximadamente 1,8 milhão de leitores, algo significativo dentro da comunidade negra americana (BRITANNICA, 2021b). Além da *Ebony*, Johnson também criou a revista *Jet*, publicada semanalmente pela empresa *Johnson Publishing Company*. Conforme Sean Clancy (2019, s.p., tradução nossa), “*Ebony* e *Jet* se tornariam as respostas da comunidade negra para *Life* e *Reader's Digest*, reportando sobre uma parte da América raramente coberta pela imprensa branca”.

Entretanto, apesar de ser popular, a *Ebony* precisava se tornar economicamente viável e gerar retorno financeiro. Como estratégia, Johnson conseguiu convencer empresários brancos a divulgarem seus produtos, via *Ebony*, para a comunidade negra utilizando modelos negros. Ademais, se tornou um fórum da história negra, haja vista que publicava artigos que

posteriormente se tornaram livros sobre a história afro-americana, os quais foram inseridos em escolas e universidades como leitura obrigatória (BURROUGHS, 2009; CHRISTIAN, 2018).

Margena A. Christian, ex-funcionária da *Ebony*, em seu livro *Empire: The House that John H. Johnson Built* conta o impacto global promovido pela revista *Ebony* – assim como sua “irmã mais nova” *Jet* – diante do legado construído de décadas sobre a história negra norte-americana e de representação positiva da identidade negra no país. Por intermédio de fontes informacionais exaustivamente coletadas, assim como entrevistas realizadas com o editor-fundador, Christian abordou desde as barreiras raciais e obstáculos profissionais enfrentados por Johnson até a construção do império composto por diversos enfoques comerciais, tais como cosméticos, viagens, programas de televisão, desfile de moda, e outros empreendimentos direcionados à comunidade negra da época (CHRISTIAN, 2018).

Outro ponto de destaque é que a filosofia inicial sofreu mudanças para incluir informações sobre o contexto político, econômico e social da comunidade negra durante o período dos movimentos de direitos civis e *Black Power*. Conforme Rahm Emanuel e David Reifman (2017, p. 9, tradução nossa), a *Ebony* “foi uma das primeiras revistas a cobrir o trabalho do Dr. Martin Luther King na década de 1950 e o Dr. King escreveu uma coluna mensal para a revista intitulada “Conselhos para Viver” em 1957 e 1958”. Ademais, publicou diversas edições especiais que abordavam a situação familiar negra e também promoviam discussões sobre o racismo como um “problema branco”. Dessa forma, trouxe para centro do debate uma contra-narrativa àquela adotada pela imprensa branca, que atribuía o racismo como um problema das pessoas negras. Entre 1960 e 1970, houve participações de pessoas como Martin Luther King Jr, Betty Shabazz, entre outras figuras políticas da época na capa da revista (BURROUGHS, 2009). No entanto, o conglomerado construído por Johnson se desestruturou após a sua morte. Atualmente com mais de sete décadas de existência, a *Ebony* ainda continua publicando sobre a história negra norte-americana, dessa vez com um enfoque mais direcionado para o século XXI e com uso da internet como aliada para alcançar novos voos.

Nessa breve seção abordamos sobre o contexto de criação e enfoque da *Ebony* e sua contribuição para a comunidade negra norte-americana. Em continuidade, direcionamos nosso olhar para o movimento pelos direitos civis e o contexto da biblioteca para pessoas negras no período de segregação.

2 MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS E O ACESSO À BIBLIOTECA NO PERÍODO DE SEGREGAÇÃO RACIAL

O movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos ganhou forças no sul em meados do século XX, e visavam acabar a discriminação e a segregação racial no país. Segundo o ministro Will B. Campbell, nativo do Mississippi, o princípio dos movimentos pelos direitos civis aconteceu quando os primeiros africanos escravizados chegaram à América do Norte trazidos à força pelos europeus durante tráfico transatlântico (WIEGAND; WIEGAND, 2018). Com a segregação da população afro-americana em espaços públicos, os ambientes destinados para esse grupo étnico-racial tinham infraestrutura extremamente desigual e precária em relação aos locais destinados ao grupo racial branco (DONNELL, 2000; WIEGAND; WIEGAND, 2018).

No que se refere à formação em Biblioteconomia nos Estados Unidos durante o século XIX e XX, em sua pesquisa de dissertação Silva (2019) apresenta o contexto quanto à formação de pessoas negras na área. Nas informações históricas, evidenciou as dificuldades encontradas pelas pessoas negras para se graduarem em Biblioteconomia, haja vista que de 1925 a 1939 somente a *Hampton Institute Library School* aceitava estudantes negros. Conforme Jordan (2000), antes do *Hampton Institute Library School*, as pessoas negras eram formadas em instituições de predominância branca nas quais se deparavam com as políticas institucionais desiguais adotadas na academia, bibliotecas e serviços oferecidos para população negra e grupos minoritários.

Historicamente, a *American Library Association* (ALA) foi uma das organizações que atuou ativa e passivamente na manutenção da segregação em bibliotecas públicas, e por consequência, na manutenção do discurso da supremacia racial branca. Dentre seu histórico de negligências, estiveram bibliotecas públicas segregadas aceitas como integrantes da ALA e casos de racismo contra pessoas bibliotecárias negras em Conferências Anuais da Associação. Ademais, há lacuna documental no período de início do século XX sobre as discussões relacionadas à raça e bibliotecas nas conferências anuais da ALA (JORDAN; JOSEY, 1977; JORDAN, 2000; ORANGE, 2018; WIEGAND, 2017, 2018).

Wayne A. Wiegand (2017) infere que antes de 1950, havia esquecimento sobre as bibliotecas públicas segregadas no Sul dos Estados Unidos, as quais eram impeditivos para o acesso à informação, leitura e biblioteca por parte da comunidade negra americana. Conforme expresso por Cheryl Knott em seu livro *Not Free, Not for All: Public Libraries in the Age of Jim Crow* foi a partir do acesso às bibliotecas de empréstimo público nascidas no início do século XX

que as pessoas negras puderam ter acesso ao livro, leitura e biblioteca no contexto de segregação racial americana. Em 1926, nos estados sulistas, 11% das 720 bibliotecas públicas se destinavam a atender pessoas negras, em 1947, passaram a 38% das bibliotecas. O financiamento de bibliotecas destinadas ao público negro veio de Fundos como Julius Rosewald e de Andrew Carnegie, mas principalmente, das próprias comunidades negras que arrecadavam dinheiro entre si para construção de escolas e bibliotecas (KNOTT, 2015).

A pesquisa de Suzanna W. O Donnell relata sobre Biblioteca Gratuita de Charleston, na qual identificou que para os indivíduos brancos existia uma biblioteca principal disponível 68 horas semanais, quatro filiais abertas em um total de 44 horas, um acervo de 13.398 livros, e mais de 98 periódicos. Enquanto isso, para os indivíduos negros uma única biblioteca central estava acessível 68 horas semanais, com um acervo com 4.641 livros e 14 periódicos. A autora destaca que os negros correspondiam a 54,2% da população de Charleston. Essa diferença marcante acontecia em relação aos espaços das bibliotecas destinadas para a população afro-americana, como também em diversos âmbitos da sociedade como na educação, transporte público, etc (DONNELL, 2000).

Esse cenário segregacionista mudou a partir do confronto com a centralidade da questão racial na profissão bibliotecária, a formação de pessoas negras em Biblioteconomia e a inclusão desse debate a partir de ações elaboradas por bibliotecárias e bibliotecários negros como E. J. Josey, Clara Stanton Jones, Virgínia Lacey Jones, Albert P. Marshall, e outros. (JORDAN; JOSEY, 1977; JORDAN, 2000; WIEGAND, 2017).

Conforme infere a bibliotecária da *Ebony*, Doris Saunders no *The Ebony Handbook*, as bibliotecas foram negadas à comunidade negra de forma sistemática nas décadas anteriores à revolução dos direitos civis. Isso acabou por afetar os serviços bibliotecários destinados à esta população, pois dela era exigido que usassem somente as “bibliotecas para negros”, especialmente no Sul dos Estados Unidos. Saunders infere que tais bibliotecas eram inadequadas para uso, pois não receberam recursos para contratação de pessoal, investimento em infraestrutura e composição de acervos adequados à comunidade. Nas outras regiões do país onde a segregação não era legal, havia problemas quanto ao acesso às bibliotecas pela comunidade devido as instalações serem localizadas em áreas inacessíveis à população negra americana. Nesse sentido, se não há acesso regular ao livro ou serviços bibliotecários ao alcance da comunidade, então a mesma não está recebendo acesso à informação, ao livro e à biblioteca (SAUNDERS, 1974).

Até os primeiros anos da década de 1970, diversas comunidades negras dos Estados Unidos não tinham acesso à biblioteca, nem aos serviços bibliotecários que suprissem suas necessidades de informação e transformação social. Ao longo das décadas de 1950 a 1970, a população lutou pelo acesso à biblioteca, e houve inclusive fundos criados por legislação visando fornecer auxílio financeiro para criação de bibliotecas e compra de recursos informacionais. No entanto, da década de 1970 em diante, os programas federais e financiamentos específicos sofreram cortes e os serviços que foram desenvolvidos, em especial, a partir de 1960 foram novamente prejudicados (SAUNDERS, 1974).

A partir disso, foi criada a convenção política de bibliotecários negros (*Caucus of Black Librarians*) a partir da liderança de E. J. Josey e outros para buscar resolução dos problemas enfrentados quanto à formação em biblioteconomia, recrutamento, preconceito salarial e a discussão sobre integração do sul como uma eliminação do bibliotecário negro. As associações profissionais também tiveram papel na conscientização das discussões supracitadas e nas ações que denunciavam a discriminação contra negros em bibliotecas como a do Biblioteca do Congresso Americano e a Biblioteca Pública do Distrito de Columbia. O protesto de grupos negros também esteve em relação a quem construía as bibliotecas destinadas à comunidade. Em diversas cidades americanas, a construção de bibliotecas destinadas à população negra foram interrompidas até que construtores negros fossem contratados para a realização dos projetos. Com a inclusão de pessoas negras e bibliotecárias negras dentro de conselhos, associações, diretorias, curadorias, as tomadas de decisão que influenciavam a comunidade negra e o serviço de bibliotecas para elas foram sofrendo mudanças que repercutiram no acesso e na qualidade dos serviços informacionais para grupos excluídos (SAUNDERS, 1974).

Foi nessa fusão de forças e organizações que a comunidade negra reivindicou a desagregação das bibliotecas públicas americanas e da própria ALA para torná-las genuinamente um espaço para todos os americanos. Apesar do movimento da época ter sido intensificado no sul dos Estados Unidos, local onde o racismo e preconceito racial eram mais intensos, essa luta se espalhou por todo território norte-americano.

A despeito de todos os confrontos e manifestações ocorridos entre 1955 e 1967, época marcada pelos esforços de integração das bibliotecas públicas por parte da população afro-americana, existem poucos relatos sobre ações realizadas por parte de pessoas bibliotecárias pela luta das integrações com o objetivo de estender e igualar serviços ao indivíduos afro-americanos em bibliotecas públicas (WIEGAND; WIEGAND, 2018, s.p.). Donnell (2000) destaca que os bibliotecários e bibliotecárias do sul, além de não serem unificados enquanto classe,

também eram moderados e apolíticos sobre o debate racial. Sob um viés que pensavam ser neutro, se abstinham de declarar seu apoio e atuar nos movimentos pelos direitos civis. “As atitudes dos bibliotecários em relação aos negros eram tão variadas e tão difíceis de explicar quanto as complexas relações entre brancos moderados e negros na população em geral” (DONNELL, 2000, s.p.).

A comunidade negra esteve engajada na linha de frente das batalhas pelos direitos civis em bibliotecas públicas segregadas no sul, assim como em todo país. Essas manifestações realizadas, principalmente por jovens negros, não tinham tanta notoriedade quando comparadas aos episódios do boicote aos ônibus de Montgomery em 1955, das manifestações contra a lanchonete de Greensboro em 1960, os *Freedom Riders* em 1961 e a marcha de 1963, em Washington (WIEGAND; WIEGAND, 2018). As manifestações contra a segregação em bibliotecas públicas eram pouco noticiadas na imprensa, mesmo em jornais locais. As notícias que ganhavam mais destaques eram aquelas relacionadas aos movimentos com participação de líderes como Martin Luther King Jr. e Malcolm X, mas poucas vezes esses protestos aconteciam em bibliotecas públicas (DONNELL, 2000; WIEGAND; WIEGAND, 2018).

Nesse sentido, entendendo que a biblioteca é o cerne para a justiça informacional, social e racial, assim como para a transformação social de comunidades vulnerabilizadas; e que a *Ebony Magazine* se propõe a divulgar informações de interesse para a população negra americana, iremos apresentar na próxima seção, a representação sobre pessoas bibliotecárias trazidas nas páginas da revista, em especial, com enfoque na profissão bibliotecária, no acesso à informação e aos espaços das bibliotecas públicas e fora delas.

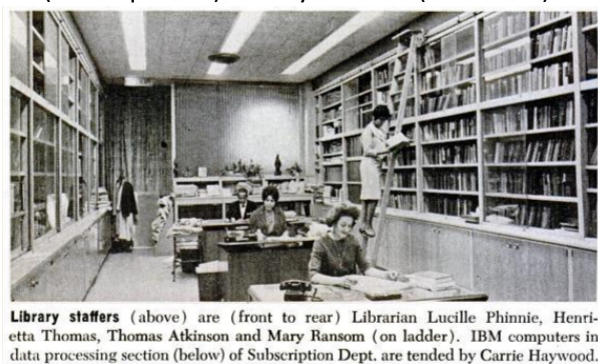
4 A PRESENÇA DOS BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECÁRIAS NEGRAS NA *EBONY*: ATUAÇÃO E REPRESENTAÇÃO PROFISSIONAL E O ACESSO À BIBLIOTECA POR POPULAÇÕES NEGRAS

Ao total foram analisados 313 números da *Ebony Magazine* compreendendo o período de 1959 a 1985. Em nossa busca, o termo *library* retornou em matérias publicadas na *Ebony* sobre a vida e cotidiano de personalidades negras do entretenimento, esportes, economia e política. Supomos que o aparecimento de tantas referências à biblioteca no texto das reportagens e fotos registradas nas residências e espaços frequentados pelas personalidades e população negra esteja vinculado, primeiro, ao fato da população negra ter a biblioteca como fonte que permitia o aprendizado de novas informações para a transformação de suas realidades sociais, econômicas, políticas e educacionais; segundo, pelo fato de haver bibliotecárias negras atuando na equipe da *Ebony* durante o período de análise, o que acreditamos ter influenciado as

tomadas de decisão sobre as matérias da revista. Houve ainda, o aparecimento do termo *library* em propagandas de livros publicados pela *Johnson Publishing Company*, tais como *The Ebony Success Library*, *The Ebony Handbook*, *Black Defenders of America*, *The Ebony Classics*, *The Shaping of Black America*, cujo enfoque esteve em preservar para a posteridade todos os marcos históricos a respeito da população negra americana e da História Negra Americana (EBONY, 1976). Ademais, reportagens que abordavam bibliotecas, como a *Martin Luther King Branch Library*, *Library of Congress*, Biblioteca do Parlamento Canadense, entre outras foram recuperadas, assim como fotografias de pessoas frequentando bibliotecas.

No que se refere à equipe que compunha a *Ebony*, constatamos que entre 1959 a 1985 houve a atuação de Doris Saunders, Lucille Phinnie, Pamela J. Cash e Olive K. Wong como bibliotecárias negras responsáveis por assinarem os números da revista e também fazerem parte da equipe da biblioteca da *Johnson Publishing Company* (Figura 1). A biblioteca fornecia suporte de informações para construção dos números da revista, assim como as bibliotecárias atuavam na editoria de obras lançadas pela empresa (SAUNDERS, 1973).

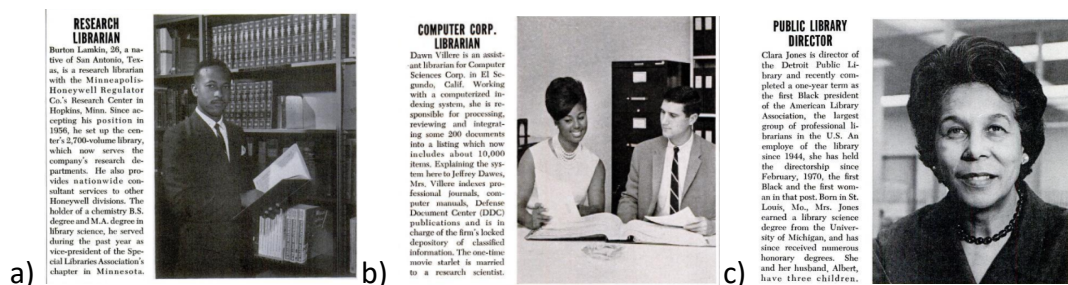
Figura 1 - Os funcionários da biblioteca da *Johnson Publishing Company* na reportagem comemorativa dos 20 anos da *Ebony Magazine*. São eles, a bibliotecária Lucille Phinnie (à frente), Henrietta Thomas (em sequência), Thomas Atkinson (em sequência) e Mary Ransom (na escada).



Fonte: Ebony (1965, p. 66).

Foram localizadas reportagens sobre bibliotecárias e bibliotecários negros em diversas seções, mas, especialmente na *Speaking of people* [Falando de pessoas]. Nesta referida seção, bibliotecárias e bibliotecários negros eram representados em resumos biográficos que abordavam sua origem, formação e atuação profissional. (Figura 2a,b,c).

Figura 2 - a) Burton Lamkin, bibliotecário de pesquisa do *Minneapolis-Honeywell Center* na *Ebony* de 1960; b) Dawn Villere, bibliotecária assistente da *Computer Science Corporation*, em 1967; c) Clara Stanton Jones, bibliotecária e Diretora da Biblioteca Pública de Detroit na *Ebony*, em 1977.



Fonte: a) *Ebony* (1960, p. 6); b) *Ebony* (1967a, p. 7); c) *Ebony* (1977, p. 7).

Na Figura 2a, 2b e 2c, apresentamos exemplos sobre a representação de bibliotecários negros na revista: Na primeira imagem, observamos a edição da *Ebony* de outubro de 1960, na qual há o resumo biográfico do bibliotecário de pesquisa do Minneapolis-Honeywell Center, Burton Lamkin. Bibliotecário negro com mestrado em Biblioteconomia, Lamkin atuava no Centro desde o ano de 1956, organizando e consolidando a biblioteca da Instituição, assim como foi bibliotecário de pesquisa e consultor para as suas filiais (EBONY, 1960). A bibliotecária assistente Dawn Villere aparece em dois volumes da revista, o primeiro na seção *Speaking of people* de março de 1967, no qual sua atuação na *Computer Sciences Corp.* foi registrada. Conforme o resumo, Villere trabalhava em um sistema de indexação computadorizado realizando o processamento, revisão e integração de documentos indexados, tais como periódicos, manuais de computadores, publicações, entre outros. No volume de junho de 1967, a bibliotecária aparece vinculada à reportagem sobre trabalhos especializados, intitulado “Computers aid employe hunt” [Computadores ajudam na busca de funcionários], que aborda como computadores ajudavam na busca por funcionários para empresas (EBONY, 1967a, 1967b). No número especial de 1977, intitulado “The Black Woman” [A mulher negra], Clara Stanton Jones também aparece na seção *Speaking of people*. Bibliotecária negra, Jones que foi a primeira presidente negra da *American Library Association* (A.L.A.) e diretora da Biblioteca Pública de Detroit (EBONY, 1977).

No período de análise foram recuperadas duas reportagens completas sobre bibliotecária Clara Stanton Jones (Figura 3a) e o bibliotecário E. J. Josey (Figura 3b). A matéria elaborada sobre Clara está intitulada “Detroit’s top librarian” e faz parte da seção *Professions*. O enfoque foi na vida e carreira da bibliotecária contextualizando uma parte da infância de Jones e seu interesse pela leitura. Na vida adulta, a Biblioteconomia possibilitou o caminho que a levou para diretoria do Sistema de Bibliotecas de Detroit, um dos maiores do país à época, mesmo enfrentando preconceitos raciais e sexistas.

Figura 3 – a) Capa da *Ebony Magazine* de 1971 e reportagem sobre Clara Stanton Jones como bibliotecária da Biblioteca Pública de Detroit e primeira presidente negra da *American Library*

Association; b) Capa da *Ebony Magazine* de 1985 e reportagem sobre E. J. Josey, segundo presidente negro da *American Library Association*.



Fonte: a) *Ebony* (1971, p. 115); b) *Ebony* (1985, p. 126).

Em sua atuação profissional, Clara Stanton Jones incentivou o despertar pelo gosto pela leitura em outras pessoas. Em sua percepção, a pessoa que não possui acesso à biblioteca está impedida de ver as possibilidades de transformar suas vidas, pois esta informação se encontra escrita nos livros. Seu objetivo era fazer das bibliotecas espaços para que as pessoas pudessem buscar mais do que livros: que as usassem para melhorar suas vidas. Para isso, interagia com as pessoas nos bairros, igrejas, reuniões e clubes para influenciá-las a entender para que serve uma biblioteca e qual o papel das bibliotecárias no auxílio à resolução de problemas diários. Sua consciência de ser mulher, negra e classe média a fez duvidar de conseguir ser eleita como diretora da Biblioteca de Detroit. No entanto, sua atuação permitiu manter o sistema de bibliotecas aumentando mesmo com corte orçamentário. Sua estratégia esteve em reunir esforços conjuntos com outras bibliotecas do estado para conseguir ajuda. Refletiu também sobre o difícil acesso às bibliotecas públicas pela população negra, haja vista terem sido construídas em bairros brancos, o que gerou rebeliões pela população negra de Detroit contra essa segregação instaurada via localização. Outro fator de dificuldade, estava no fato de comunidades negras rurais não saberem o potencial das bibliotecas e haver desinteresse de bibliotecários em oferecer informações para pessoas sem educação formal, o que demandou esforços da bibliotecária para criar interesse nessas pessoas, conforme destaca na entrevista: “eu fui às reuniões da igreja e disse aos homens que temos manuais de conserto de automóveis para quando eles querem consertar seus carros e livros que explicam como consertar um porão. Esse tipo de coisa os interessa” (JONES apud EBONY, 1971, p. 122, tradução nossa). Coleções de livros com assuntos de interesse da comunidade afro-americana foram elaboradas nas bibliotecas de Detroit, o que popularizou o acesso e fez sucesso nas comunidades. Para Clara, a motivação é a chave para que as pessoas despertem o gosto pela

leitura. Dessa forma, entende que os livros devem estar disponíveis para que quando as pessoas os encontrem digam: “isso é sobre mim” (EBONY, 1971).

No que se refere à segunda reportagem, encontra-se na seção *Personalities* sob o título de “A man who goes by the books” [Um homem que segue os livros]. A abordagem esteve na atuação do bibliotecário como presidente da *American Library Association* (ALA). Sua participação na ALA por mais de 30 anos à época trouxe diversos resultados, dentre eles a escrita da resolução que levou à integração de associações de bibliotecas do sul, a criação da *Black Caucus* of ALA e a escrita de diversos livros sobre Biblioteconomia. Durante sua carreira, focou no combate à discriminação racial na profissão bibliotecária, na elaboração de movimento para tornar a ALA mais humanizada quanto às questões raciais, às necessidades de informação pela comunidade negra e outras marginalizadas, assim como ao oferecimento de trabalho e salários justos para bibliotecários e bibliotecárias negras. Como presidente incluiu representantes de grupos marginalizados e excluídos em comitês profissionais da ALA, angariou fundos e apoio para bibliotecas e Biblioteconomia, além de criticar e lutar contra cortes no orçamento destinado às bibliotecas e serviços bibliotecários realizados no governo Reagan. Josey participou dos movimentos pelos direitos civis das décadas de 1950 e 1960 lutando pela integração em bibliotecas e o seu acesso irrestrito por grupos excluídos. Outro destaque na reportagem esteve em Josey ser considerado o “padrinho dos bibliotecários negros”, haja vista seu esforço no recrutamento de pessoas negras para a área, no encorajamento ao associativismo profissional e luta pelo oferecimento de serviços bibliotecários equitativos para populações colocadas à margem (EBONY, 1985).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possuiu como objetivo investigar a representação de bibliotecárias e bibliotecários negros nas publicações da *Ebony Magazine*. Como resultados, nosso estudo identificou a representação positiva da profissão bibliotecária, haja vista a atuação de bibliotecárias negras na própria equipe da revista *Ebony* e da biblioteca da empresa proprietária. As influências e a representação da profissão estão presentes em reportagens sobre personalidades, assim como de pessoas da comunidade negra em geral frequentadoras de bibliotecas. Os livros elaborados pela equipe da *Johnson Publishing Company* e divulgados em propagandas nos números da revista também reforçam a conexão entre conhecimento negro, informação, bibliotecas e pessoas bibliotecárias. Identificamos que as notícias sobre a atuação profissional de bibliotecárias e bibliotecários negros encontram-se em todas as

seções ao longo dos números analisados, no entanto, a seção *Speaking of people* registrou a presença desses profissionais por intermédio de resumos biográficos, os quais demonstraram a amplitude de atuação bibliotecária em diversos setores da sociedade americana.

Dentre os enfoques de reportagens completas, a revista publicou duas importantes, uma na seção *Professions e Personalities*. Não por coincidência, as mesmas se referiram a duas pessoas bibliotecárias negras, Clara Stanton Jones e E. J. Josey, que foram os primeiros no cargo de presidentes da *American Library Association*. Nas entrevistas de ambos foi possível analisarmos a consciência da importância da biblioteca e da profissão bibliotecária para a transformação das realidades informacionais, sociais, educacionais e políticas das populações negras e grupos minoritários. Nos discursos também esteve presente a criação de coleções destinadas às populações negras, a crítica à segregação racial, a crítica aos cortes orçamentários destinados às bibliotecas e acervos, a luta pela integração em bibliotecas públicas, assim como a consciência do papel do associativismo e dos movimentos por direitos civis para reivindicar pautas importantes para as comunidades negras. Dessa forma, esta pesquisa demonstrou o papel da *Ebony Magazine* para a documentação, divulgação e representação da profissão bibliotecária e bibliotecas, assim como para a Biblioteconomia Negra e História Negra.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsas de pesquisa de mestrado e doutorado às pessoas autoras deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Tre'vell. How Ebony and Jet magazines aim for a comeback. New CEO: 'I want my people back'. **Los Angeles Times**, Jan 19, 2021. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/story/2021-01-19/ebony-jet-magazine-junior-bridgeman-michele-ghee>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ANGELOU, Maya. Then Ebony Arrived. **Ebony**, v. 43, Nov 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=o9If_HeJUjUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=maya&f=false. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRITANNICA, Editors. Ebony. **Encyclopedia Britannica**, Aug 27, 2021a. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Ebony-American-magazine>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRITANNICA, Editors. John H. Johnson. **Encyclopedia Britannica**, Mar 19, 2021b. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/John-H-Johnson>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRITANNICA, Editors. Ku Klux Klan. **Encyclopedia Britannica**, June 10, 2021c. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Ku-Klux-Klan>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRITANNICA, Editors. Radical Reconstruction. **Encyclopedia Britannica**, June 23, 2020b. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Radical-Reconstruction>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BURROUGHS, Todd Steven. Ebony. In: FINKELMAN, Paul (ed.). **Encyclopedia of African American History, 1896 to the present**: from the age of segregation to the twenty-first century. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 119-121.

CHRISTIAN, Margena A. **Empire**: the house that John H. Johnson Built. Chicago: Doc.M.A.C. Write, 2018.

CLANCY, Sean. Ebony, Jet magazines founder from Arkansas is subject of book. **Akansas Democrat Gazette**, June 23, 2019. Disponível em: <https://www.arkansasonline.com/news/2019/jun/23/ebony-jet-founder-from-arkansas-subject/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

DECIA, Patricia. Ku Klux Klan tem horário em TV pública. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 maio 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/12/mundo/5.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DONNELL, Suzanna W. O. **Equal opportunities for Both**: Julius Rossenwald, Jim Crow and the Charleston free libraries record of service to blacks, 1931 to 1960. 2000. 57 f. Masters paper (Master of Science in Library Science) – School of Information and Library Science, University of North Carolina, North Carolina, 2000.

EBONY. Speaking of people. **Research librarian**. v. 15, n. 12, p. 6, out. 1960. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=guP-D47Mq80C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. Anniversary Features. **Twenty years of Ebony**. v. 21, n. 1, p. 66, Nov 1965. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=JVgx_9XqcnMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. Speaking of people. **Computer Corp. Librarian**. v. 22, n. 5, p. 7, Mar 1967a. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=k-xzFES8bWcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. **Computers aid employ hunt**. v. 22, n. 8, p. 92, June 1967b. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lsxAqSEQ6s4C&printsec=frontcover&hl=pt->

BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=computer&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. Speaking of people. **Public Library Director**. v. 32, n. 10, p. 7, Aug 1977. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=08sDAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=public%20director&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. **Make this a relevant and meaningful bicentennial...** v. 31, n. 7, p. 99, maio 1976. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2t8DAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Make%20this%20a%20relevant%20and%20meaningful%20bicentennial&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. Professions. **Detroit's Top Librarian**. v. 27, n. 1, p. 115-118, Nov 1971. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2So5A3z1Ev4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Detroit%E2%80%99s%20Top%20Librarian&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EBONY. Personalities. **A man who goes by the books**. v. 40, n. 9, p. 126-130, July 1985. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FtkDAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=A%20man%20who%20goes%20by%20the%20books&f=false. Acesso em: 21 jan. 2021.

EMANUEL, Rahm; REIFMAN, David. **Johnson Publishing Company Building**: Final Landmark Recommendation adopted by the Commission on Chicago Landmarks. Chicago, 2017. Disponível em: https://www.chicago.gov/content/dam/city/depts/zlup/Historic_Preservation/Publications/Johnson_Publishing_Co_Bldg.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

FREEDOM'S JOURNAL. **Newspaper: Editors - Samuel E. Cornish e John B. Russwurm**. New York, 2020. Disponível em: https://www.pbs.org/blackpress/news_bios/newbios/nwsprr/freedom/freedom.html. Acesso em: 20 jan. 2021.

JENKINS, John Philip. White Supremacy. **Encyclopedia Britannica**, Apr 13, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/white-supremacy>. Acesso em: 19 jan. 2021.

JOHNSON, John H. Publisher's Statement. **Ebony**, v. 31, n. 1, p. 1-206, Nov 1975. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=bdQDAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Publisher%E2%80%99s%20Statement&f=false. Acesso em: 19 jan. 2021.

JORDAN, Casper L.; JOSEY, Elonnie. L. A Chronology of Events in Black Librarianship. In: JOSEY, Elonnie. J.; SCHOCKLEY, Ann A. (ed.). **Handbook of black librarianship**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1977.

JORDAN, Casper. L. African American Forerunners in Librarianship. *In*: JOSEY, Elonníe J.; DELOACH, Marva. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2nd. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.

KNOTT, Cheryl. **Not free, not for all**: public libraries in the age of Jim Crow. Amherst: University of Massachusetts Press, 2015.

LONG, Christopher. **Knights of the White Camellia**. Handbook of Texas, Austin, TX: Texas State Historical Association, [1952] 2020. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/knights-of-the-white-camellia> Acesso em: 20 jan. 2021.

ORANGE, Satia. Interview. *In*: LANDGRAF, Greg. Blazing Trails: pioneering african-american librarians share their stories. **American Libraries**, Jan 2, 2018. Disponível em: <https://americanlibrariesmagazine.org/2018/01/02/blazing-trails/> Acesso em: 10 jan. 2020.

SAAD, Layla F. **Eu e a supremacia branca**: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SAUNDERS, Doris. Section V – Libraries. *In*: SAUNDERS, Doris. (ed.). **The Ebony handbook**. Chicago: Johnson Publishing Company, 1974. p. 180.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2019.

UROFSKY, Melvin I. Jim Crow Law. **Encyclopedia Britannica**, Feb 12, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Jim-Crow-law>. Acesso em: 19 jan. 2021.

VENTURA, William; KARNICK, Romilla. The black press: do Freedom's Journal a The Crisis, Ebony & Jet. **Black History in two minutes**, 2020. Disponível em: <https://blackhistoryintwominutes.com/the-black-press-from-freedom-journal-the-crisis-ebony-jet-magazine/>. Acesso em: 19 fev. 2021.

WEDGEWORTH, Robert. Library service and the Black Librarian. *In*: SAUNDERS, Doris. (ed.). **The Ebony Handbook**. Chicago: Johnson Publishing Company, 1974. p. 182-183.

WIEGAND, Wayne A. "Any ideas?": The American Library Association and the Desegregation of Public Libraries in the American South. **Libraries: Culture, History, and Society**, v. 1, n. 1 p. 1-22, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5325/libraries.1.1.0001>. Acesso em: 19 fev. 2021.

WIEGAND, Wayne A.; WIEGAND, Shirley A. **The desegregation of public libraries in the Jim Crow South**: civil rights and local activism. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2018.

XAVIER, Giovana. **Branças de almas negras?** beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930). 2012. 424 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2012.